

ISSN 000-0000

BOLETIM DE CONJUNTURA **MERCADO DE TRABALHO** 2º TRIMESTRE DE 2018

Governo do Estado da Bahia

Rui Costa

Secretaria do Planejamento – Seplan

Antonio Henrique de Souza Moreira

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI

Eliana Boaventura

Diretoria de Pesquisas – Dipeq

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação Editorial

Armando Affonso de Castro Neto

Luiz Fernando Araújo Lobo

Elaboração Técnica

Armando Affonso de Castro Neto

Ana Maria de Sales Guerreiro

Luana Gabriela da Silva Rodrigues

Luiz Chateaubriand Cavalcanti dos Santos

Luiz Fernando Araújo Lobo

Guillermo Javier Pedreira Etkin

Coordenação de Biblioteca e Documentação – Cobi Normalização

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Coordenação de Disseminação de Informações – Codin

Augusto Cezar Pereira Orrico

Coordenação de Produção Editorial

Editoria-geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo

Ludmila Nagamatsu

Revisão

Alcione Zanca

Editoração

Adir Filho

Projeto Gráfico

Nando Cordeiro

Av. Luiz Viana Filho, 4ª Av., 435, CAB.

Cep: 41.745-002. Salvador(BA)

Tel.: (71) 3115 4822 / 3115 4786 Fax.: (71) 3116 1781

www.sei.ba.gov.br

sei@sei.ba.gov.br

2º TRIMESTRE DE 2018 **1**

CENÁRIO ECONÔMICO **2**

EMPREGOS FORMAIS **3**

MERCADO DE TRABALHO NA BAHIA SEGUNDO A PNAD CONTÍNUA **9**

MERCADO DE TRABALHO NA RMS SEGUNDO A PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO **11**

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO **14**

Expectativa dos empresários baianos para o emprego **14**

Projeção do emprego formal **16**

NOTAS METODOLÓGICAS **18**

Pesquisa de confiança do empresariado baiano **18**

Projeções do mercado de trabalho formal **19**

2º TRIMESTRE DE 2018

A apatia da atividade econômica aumentou recentemente. O segundo trimestre contou com alguns acontecimentos excepcionais de potencial corrosivo. Limitando-se às ocorrências domésticas, a paralisação no setor de transporte de cargas no terço final de maio foi de longe o mais relevante e danoso. A greve dos caminhoneiros não somente injetou desconfiança num ambiente já vulnerável como também impactou negativa e concretamente a economia, mantendo o aspecto lento, frágil e gradual da aguardada recuperação. Para completar, as eleições se aproximam e a cena política ainda se encontra conturbada e instável, amplificando a fragilidade e a incerteza quanto ao futuro da economia.

O mercado de trabalho, por tabela, mesmo com alguma defasagem, sofre com os desdobramentos do referido episódio de protesto. As análises deste boletim, com foco na Bahia, debruçadas em dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Salvador (PEDRMS) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), mesmo constatando a recomposição de alguns indicadores, mostram que os resultados não exibiram a amplitude compatível com uma fase de retomada.

De abril a junho, houve relativamente poucas constatações positivas sobre o emprego na Bahia, tais como: surgimento líquido de postos nos dois primeiros trimestres do ano, fato novo de 2014 para cá; taxa trimestral de desocupação em queda, tanto em relação ao trimestre imediatamente antecedente quanto ao mesmo intervalo do ano passado; crescimento do rendimento médio real habitual dos ocupados no estado em um ano, assumindo o terceiro maior registro da série; e, na RMS, pelo menos em relação ao primeiro trimestre, diminuição da taxa de desemprego total e aumento da taxa de participação, do nível de ocupação, da população economicamente ativa e do rendimento médio real dos ocupados.

Por outro lado, o rol de itens que não coadunam com um quadro de reabilitação no segundo trimestre se mostrou mais volumoso. Por exemplo: o saldo de empregos celetistas recuou recentemente na média móvel de 12 meses; o saldo de postos com carteira assinada ficou abaixo dos verificados nos trimestres de comparação; o saldo de vagas apresentou em junho o primeiro e único revés do ano; a geração de emprego se limitou a um número menor de setores comparativamente ao primeiro trimestre; a abertura líquida de postos ficou restrita ao interior do estado; o número de admissões recuou e o de desligamentos aumentou em relação ao período imediatamente anterior; a geração líquida de empregos celetistas se restringiu aos postos de menor remuneração; o saldo de vagas somente avançou em um dos estratos salariais comparativamente ao trimestre antecedente; a remuneração média trimestral dos admitidos foi a menor dos últimos dois anos; a distância salarial entre desligados e admitidos ampliou do primeiro ao segundo trimestre; a confiança do empresariado baiano quanto ao emprego caiu ao menor patamar dos últimos dez meses; a proporção de empresas planejando desligar trabalhadores suplantou a porção daquelas que preveem contratar; e, por fim, a expectativa de um terceiro trimestre, em termos de saldo, melhor apenas que os de 2015 e 2016, quando houve encerramento líquido de postos.

Enfim, o mercado de trabalho continua trôpego. Diante dos prós e contras, estes em número bem maior, os indícios apontam para a permanência do quadro geral de dificuldades por um tempo maior que o esperado inicialmente pela maior parte dos analistas. A resiliência de alguns indicadores, associada ao recuo dos índices de confiança, atravancam a superação dos

obstáculos. Fica cada vez mais claro que o fim da recessão não implicou, necessariamente, o início de um processo vigoroso de retomada e, muito menos, o retorno aos níveis pré-crise – ainda mais no âmbito do mercado de trabalho, cujo ajuste segue uma dinâmica própria, com movimentos retardados perante os ciclos econômicos.

CENÁRIO ECONÔMICO

Os ventos não foram tão favoráveis para a economia baiana nesse segundo trimestre. A performance da maioria dos indicadores macroeconômicos ficou aquém do esperado. Com exceção da Agropecuária, as demais atividades frustraram as expectativas dos observadores ansiosos por um desempenho melhor. O setor agropecuário, mesmo perante a recuperação que vivenciou recentemente, deve ampliar os seus ganhos. Contudo, a Indústria, que vinha despontando com resultados positivos seguidos, perdeu fôlego. Além disso, os setores de Serviços e de Comércio, ao perpetuarem um movimento de recuo, expuseram a grande dificuldade em voltar para uma trilha de recuperação.

De maneira efetiva, conforme o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativo ao mês de junho, a estimativa para a safra baiana de grãos de 2018 está denotando expansão de 13,3% em relação ao volume do ano anterior, quando a produção totalizou quase 8,6 milhões de toneladas. A produção física de grãos, assim, deverá fechar o ano com pouco menos de 9,7 milhões de toneladas. Dessa forma, diante da expectativa de elevação de 0,3% da área colhida, a produtividade, entendida como a relação entre produção física e área colhida, deverá ampliar em 13,4%.

Em relação à indústria, de acordo com informações da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE, a produção total baiana, de abril a junho de 2018, foi reduzida em 0,5% frente ao registrado no mesmo intervalo de 2017 – encadeando a segunda ocorrência consecutiva de decréscimo nesta base de comparação. O baque no ritmo produtivo do setor ocorreu tanto na indústria de transformação, que recuou 0,4%, quanto na extrativa, com declínio de 2,5%. No acumulado dos últimos 12 meses, pelo menos, a variação se revelou positiva para o total da indústria, alta de 1,8%.

O setor de Serviços continuou encolhendo, mas em magnitude menor agora. Conforme a Pesquisa Mensal de Serviços do IBGE, o volume de serviços prestados acumulado entre abril e junho de 2018, em relação ao valor observado nos mesmos meses de 2017, exibiu uma queda de 4,8% – oitavo recuo sucessivo na comparação interanual por trimestre móvel. No acumulado dos últimos 12 meses, a variação continuou negativa, com contração de 4,2%.

Relativamente à atividade comercial, a Pesquisa Mensal de Comércio do IBGE mostrou uma alteração negativa no volume de vendas do varejo baiano no segundo trimestre de 2018 no confronto interanual, com queda de 0,3%. A comparação com o mesmo período de um ano antes, depois de oito altas consecutivas, chegou ao quarto recuo sucessivo. Entretanto, no acumulado de 12 meses, frente a igual intervalo imediatamente anterior, o indicador completou cinco meses seguidos com variação positiva, com uma alta de 0,7% no mês mais recente – isso após 33 meses com resultado negativo e de ter chegado a apontar queda de 13,0%.

Por fim, hesitação e apreensão ainda demarcam as expectativas do empresariado local quanto ao futuro. No entanto, agora, a desconfiança se mostrou um pouco mais recrudescida. Segundo o Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB), calculado pela SEI, o movimento de redução do pessimismo no meio empresarial do estado, observado a partir de abril de 2016, quando o ICEB marcou -488 pontos, parece ter perdido força ao longo do segundo trimestre deste ano (abril: -30 pontos; maio: -53 pontos; e junho: -118 pontos). Assumindo um viés de baixa, mas ainda indicando pessimismo moderado, o ICEB regrediu ao estágio de nove meses atrás. Assim, mesmo sem descaracterizar o movimento mais amplo de resgate da confiança iniciado há mais de dois anos, o recuo recente dos indicadores terminou por enfraquecer a crença de que uma fase de expectativas positivas esteja prestes a ser inaugurada.

EMPREGOS FORMAIS

Apesar de positivo desde o início do ano, o saldo de empregos formais na Bahia, sob o cálculo de médias móveis de 12 meses, exibiu queda no início do segundo trimestre, sugerindo relativa atrofia das forças que o mercado de trabalho vinha demonstrando até então¹. Mesmo sem significar flerte com um novo ciclo de contração, como o de 34 meses ininterruptos sem geração líquida de oportunidades ocupacionais antes de janeiro deste ano, a conjuntura recente suscita a necessidade de um dinamismo mais agudo do mercado de trabalho local para o resgate dos tempos áureos.

Ainda nesse contexto, a ocorrência média líquida de vínculos tutelados pela legislação trabalhista passou de 1.481 para 1.214 entre os meses de encerramento dos dois trimestres do ano (Gráfico 1). O solavanco no mercado de trabalho celetista da Bahia, observado no segundo trimestre, entretanto, não interrompeu sua trajetória de crescimento de longo prazo, apesar de tê-la tornado mais suave. Os resultados de abril a junho, inferiores à geração média de postos em março, terminaram por testemunhar contra o discurso de que um período de recuperação de empregos celetistas robusto e vigoroso esteja em andamento.

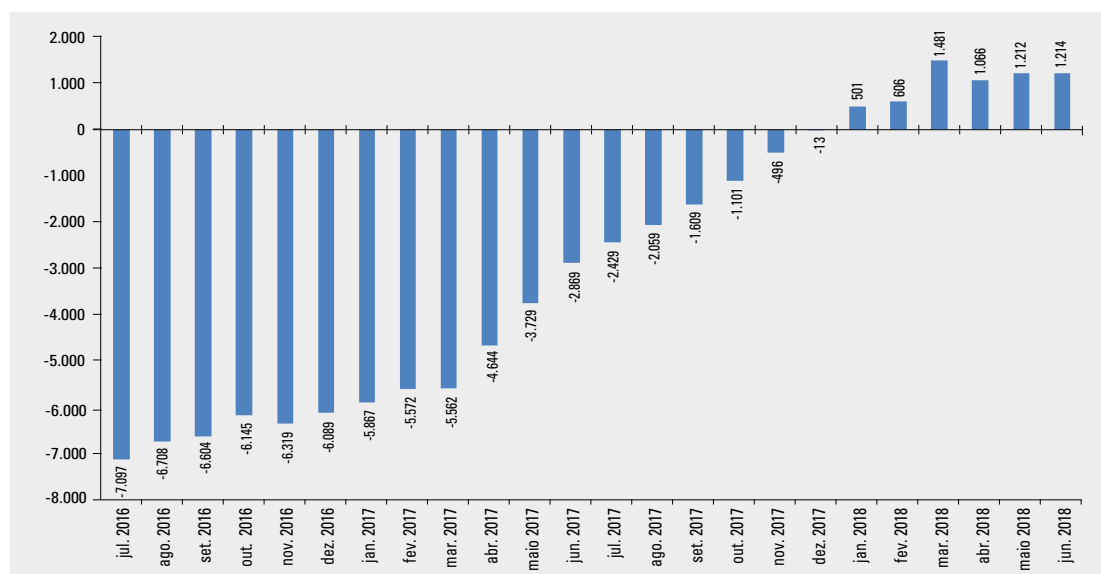


Gráfico 1
Evolução do saldo de empregos formais por média móvel de doze meses – Bahia – Jul. 2016-jun. 2018

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2018.

¹ Ao longo do texto, o termo emprego formal se refere à relação empregatícia com contrato de trabalho regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

O surgimento líquido de empregos formais no mercado de trabalho baiano foi realidade nos dois trimestres do ano, fato que não acontecia desde 2014. O primeiro semestre, com 20.433 postos de trabalho gerados, exibiu uma elevação de 1,23% no contingente de 1.654.990 empregos com carteira assinada existente ao final de 2017. No entanto, o saldo do segundo trimestre, isoladamente, frustrou as expectativas por um resultado mais pujante.

Apesar do aumento da ocupação, o surgimento líquido de 7.759 vagas neste segundo trimestre ficou abaixo do verificado no mesmo intervalo do ano anterior e no trimestre imediatamente antecedente, quando 10.961 e 12.674 novos postos foram gerados, respectivamente (Gráfico 2). Dentre os meses do referido trimestre, apenas um testemunhou queda do nível de emprego – assim como ocorrido um ano antes. Enquanto abril e maio expuseram saldos positivos, de 2.809 e 6.713 novas vagas, respectivamente, o mês de junho comportou resultado negativo, com 1.763 postos eliminados – por sinal, o primeiro revés do ano.

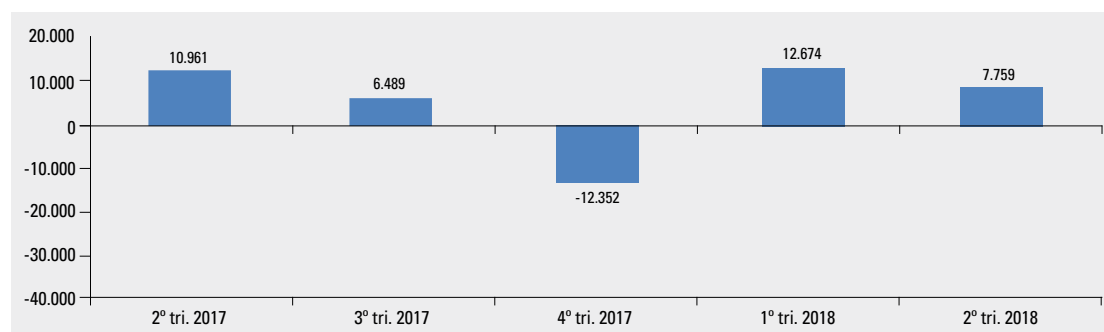


Gráfico 2

Evolução do saldo de empregos formais por trimestre – Bahia – 2º tri. 2017-2º tri. 2018

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2018.

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

A dilatação do mercado de trabalho formal baiano no segundo trimestre não alcançou todos os estratos setoriais, já que em dois houve recuo líquido de postos. Nesse aspecto, a situação de agora se revelou melhor que a do mesmo trimestre do ano anterior, quando três setores haviam fechado mais postos que aberto. Contudo, agora, apenas três das oito atividades exibiram um desempenho melhor (Extrativa Mineral, Serviços Industriais de Utilidade Pública e Construção Civil). No trimestre imediatamente antecedente, por outro lado, apenas um setor havia apontado saldo negativo de empregos celetistas.

Em uma avaliação setorial, Agropecuária e Indústria de Transformação, com geração líquida de 6.129 e 2.187 postos de trabalho no segundo trimestre de 2018, respectivamente, destacaram-se com os desempenhos mais proeminentes. Em contrapartida, conforme se pode acompanhar pela Tabela 1, o setor de Comércio (-1.651 postos) e de Construção Civil (-1.504 postos) foram os únicos a registrar dispensa líquida de trabalhadores no citado intervalo.

Tabela 1**Saldo de empregos formais por setor de atividade econômica, por trimestre – Bahia – 2º tri. 2017/1º tri. 2018/2º tri. 2018**

Setor de atividade econômica	2º tri. 2017	1º tri. 2018	2º tri. 2018
Extrativa Mineral	-114	98	259
Indústria de Transformação	2.340	562	2.187
Serviços Industriais de Utilidade Pública	194	549	460
Construção Civil	-1.578	2.393	-1.504
Comércio	-280	-1.810	-1.651
Serviços	1.636	7.302	1.362
Administração Pública	978	1.329	517
Agropecuária, Ext. Vegetal, Caça e Pesca	7.785	2.251	6.129
Total	10.961	12.674	7.759

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2018.

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

O saldo de empregos com carteira assinada também foi positivo para o país no segundo trimestre de 2018, com 162.139 postos a mais. Entretanto, vale ressaltar, nem todas as regiões geraram postos de trabalho. O Sul, com corte líquido de 16.970 empregos celetistas, foi a localidade que suprimiu postos. O Sudeste, por sua vez, com surgimento de 119.470 vagas, a que mais criou. Das unidades da Federação, em 21 houve geração líquida. No ranking nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo de 7.759 oportunidades ocupacionais, ficou na quinta posição, três acima da verificada no trimestre anterior. Entre os estados nordestinos, sete obtiveram saldo positivo. A Bahia (+7.759 postos) exibiu o maior montante líquido de postos ativados na região, enquanto Alagoas (-2.273 postos) ficou com o pior desempenho regional.

Quanto à distribuição intraestadual, no segundo trimestre deste ano, a Região Metropolitana de Salvador (RMS) exibiu corte líquido de vagas e o interior, surgimento – replicando o ocorrido um ano antes (Tabela 2). Enquanto na RMS foram eliminados 4.657 empregos com registro em carteira, no interior o resultado foi de 12.416 postos a mais – números, entretanto, piores que os do mesmo intervalo do ano anterior. Em relação ao trimestre imediatamente antecedente, quando oportunidades despontaram em ambas as áreas, a situação atual se mostrou mais deteriorada na RMS e mais viçosa no interior.

No acumulado dos seis meses de 2018, a criação de empregos formais na Bahia (+20.433 postos) foi avalizada inteiramente pelo desempenho do interior (+21.912 postos), já que a RMS (-1.479 postos) registrou perda líquida de postos. Tal resultado serviu para realçar o protagonismo daquela região na geração de vagas no estado e, ao mesmo tempo, sinalizar a edificação de uma dinâmica própria do mercado de trabalho no interior. A área metropolitana se manteve, dessa forma, como óbice a um dinamismo mais contundente do mercado de trabalho formal em território baiano no primeiro semestre deste ano.

Tabela 2**Saldo de empregos formais entre RMS e interior, por trimestre – 2º tri. 2017/1º tri. 2018/2º tri. 2018**

Área geográfica	2º tri. 2017	1º tri. 2018	2º tri. 2018
Bahia	10.961	12.674	7.759
RMS	-2.620	3.178	-4.657
Interior	13.581	9.496	12.416

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2018.

A RMS engloba os municípios de Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz (Lei nº 13.468/2015).

O saldo positivo de 7.759 empregos formais na Bahia, observado no segundo trimestre, foi proveniente de 150.174 admissões e 142.415 desligamentos. Do trimestre imediatamente antecedente a este, as admissões recuaram e os desligamentos aumentaram – aquelas em 1,7% (2.578 admitidos a menos) e estas em 1,7% (2.337 desligados a mais). O recuo das contratações somada ao aumento dos desligamentos ajudam a entender a ocorrência de um resultado positivo menos expressivo no trimestre mais recente.

Apesar do aumento de desligados no segundo trimestre, mesmo com um estoque de empregos em níveis historicamente baixos, que por si só confere certa rigidez aos desligamentos involuntários e voluntários, o montante se mostrou o terceiro menor de 2010 para cá. Assim, o número desidratado de admitidos neste trimestre, ainda mais distante dos maiores registros do período recente, sinaliza que o grande obstáculo para uma sólida alavancagem do mercado de trabalho baiano se encontra mais relacionado com a dificuldade em se alocar e realocar do que com a de se manter em uma vaga.

Conforme a Tabela 3, houve recuo na maioria das formas de movimentação no mercado de trabalho baiano no segundo trimestre². No campo das admissões, o reemprego³, tipo de contratação mais comum no referido mercado, diminuiu 3,1% na comparação com o trimestre antecedente. Quanto aos desligamentos, a demissão sem justa causa, forma mais habitual de findar uma relação empregatícia, apresentou módico decréscimo, queda de 1,5%. Entre todas as categorias, em termos relativos, os termos de contrato por tempo determinado (26,4%) e os desligamentos por término de contrato (14,7%) exibiram as maiores altas de um trimestre ao outro. Na outra ponta, os desligamentos por aposentadoria (-21,4%) e aqueles por demissão com justa causa (-8,0%) apresentaram os recuos de maior magnitude.

2 O desligamento por acordo se trata de uma nova categoria de movimentação criada pela mais recente reforma trabalhista (Lei nº 13.467/17), cuja vigência teve início no dia 11 de novembro de 2017.

3 Reempregado é aquele que já havia exercido ocupação formal no mercado de trabalho anteriormente.

Tabela 3

Comportamento do mercado de trabalho formal por tipo de movimentação no quadro de empregados, por trimestre – Bahia – 1º tri. 2018/2º tri. 2018

Tipo mov. desagregado	1º tri. 2018	2º tri. 2018	Variação
Admissão por Reemprego	121.374	117.617	-3,1%
Contrato Trabalho Prazo Determinado	15.634	16.729	7,0%
Admissão por Primeiro Emprego	15.461	15.551	0,6%
Admissão por Reintegração	283	277	-2,1%
Admissão por Transferência	0	0	-
Total de Admissões	152.752	150.174	-1,7%
Desligamento por Transferência	0	0	-
Desligamento por Aposentadoria	173	136	-21,4%
Desligamento por Morte	511	471	-7,8%
Desligamento por Demissão com Justa Causa	1.130	1.040	-8,0%
Desligamento por Acordo Empregado e Empregador	1.097	1.163	6,0%
Término Contrato Trabalho Prazo Determinado	4.668	5.901	26,4%
Desligamento a Pedido	17.566	17.372	-1,1%
Desligamento por Término de Contrato	18.996	21.794	14,7%
Desligamento por Demissão sem Justa Causa	95.937	94.538	-1,5%
Total de Desligamentos	140.078	142.415	1,7%
Saldo (Admissões - Desligamentos)	12.674	7.759	-

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2018.

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

De abril a junho, a despeito do resultado positivo no agregado, o fechamento líquido de vagas aconteceu em quase todos os níveis de remuneração (Gráfico 3). A captação líquida de trabalhadores se deu somente para os postos com menores remunerações, a faixa de até um salário mínimo – de maneira que o resultado positivo nesta foi suficiente para suplantar o somatório dos saldos negativos nas demais. Enquanto isso, assim como no mesmo intervalo de 2017 e no primeiro trimestre deste ano, o maior corte líquido de vínculos ocorreu na faixa delimitada por dois e cinco salários mínimos.

Do primeiro ao segundo trimestre deste ano, o saldo de postos de trabalho somente não retrocedeu em um dos estratos de valor. Nesse aspecto, de um intervalo ao outro, a categoria dos que receberam até um salário mínimo foi a única que avançou em termos de saldo. No outro extremo, o grupo dos que receberam de dois a cinco salários mínimos foi a que mais recuou.

Diferentemente do trimestre antecedente, quando a abertura líquida de postos foi observada em dois níveis de remuneração, no trimestre mais recente, como se destacou, voltou a acontecer em apenas um, assim como há um ano. A tática em disponibilizar oportunidades para as ocupações com as mais baixas remunerações, adotada pelas empresas como forma de evitar o avanço dos custos, parece ter sido continuada no segundo trimestre – no entanto, comparativamente ao primeiro, de maneira mais circunscrita, já que limitada àquelas de até um salário mínimo, conduta condizente com um panorama de retomada econômica lenta e incerta.

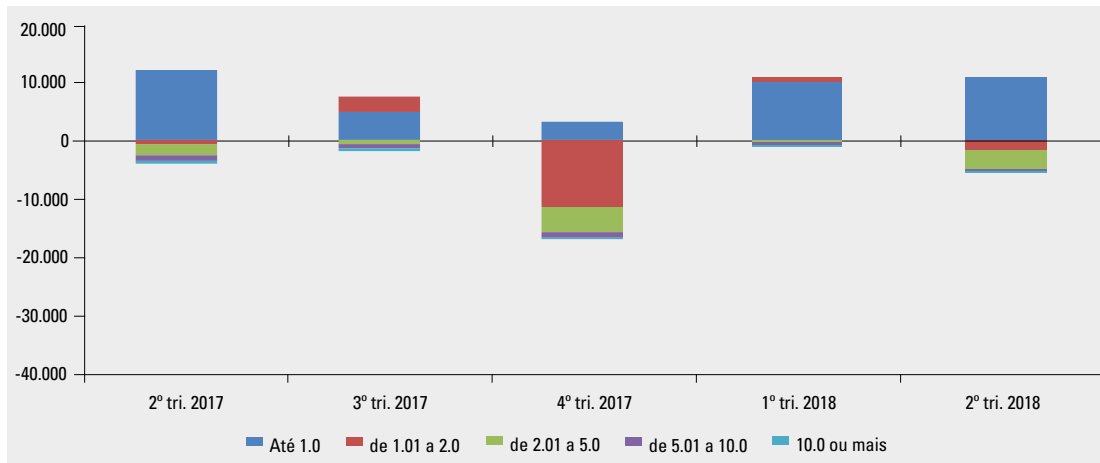


Gráfico 3

Evolução trimestral do saldo de empregos formais por faixa de salário mínimo – Bahia – 2º tri. 2017-2º tri. 2018

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2018.

As informações trabalhadas não contemplam as declarações fora do prazo.

O salário real médio de admissão, na Bahia, chegou a R\$ 1.317 no segundo trimestre de 2018 – inferior em R\$ 230 em relação ao do país, de R\$ 1.547. Trata-se da menor quantia desde o segundo trimestre de 2016 (R\$ 1.267). Em relação ao intervalo de janeiro a março deste ano, quando alcançou R\$ 1.373, houve recuo aproximado de 4,1%. Na comparação interanual, ocorreu uma queda de 0,9% – já que, à época, o valor havia sido de R\$ 1.329. A evolução trimestral deste importante indicador pode ser acompanhada pelo Gráfico 4.

A remuneração média dos trabalhadores admitidos manteve o movimento de vaivém e, após elevação no período imediatamente anterior, voltou a recuar no trimestre mais recente. O salário real médio de desligamento, por sua vez, regrediu pela terceira vez seguida – ficando abaixo, até mesmo, do registrado um ano antes. A diferença entre o salário real médio dos desligados e admitidos, no segundo trimestre, aumentou quanto a do trimestre anterior e diminuiu quanto a do mesmo trimestre de 2017. Enquanto no intervalo mais atual, o trabalhador admitido recebeu, em média, 90,7% do recebido pelo trabalhador desligado, no trimestre precedente e no segundo de 2017, esses percentuais foram de 93,3% e 89,2%, respectivamente – denotando, ao menos quanto ao primeiro trimestre, redução do preço de rotatividade da mão de obra na Bahia.

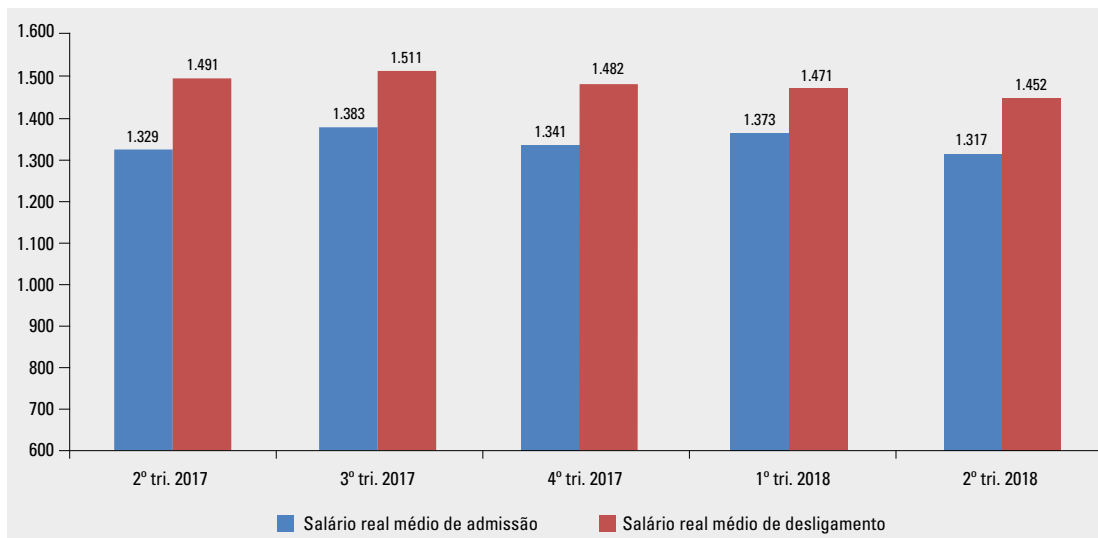


Gráfico 4
Salário real médio de admissão e de desligamento por trimestre – Bahia – 2º tri. 2017-2º tri. 2018

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2018.

Dados deflacionados em relação a junho de 2018 pelo IPCA.

MERCADO DE TRABALHO NA BAHIA SEGUNDO A PNAD CONTÍNUA

No segundo trimestre de 2018, na Bahia, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, sintetizados na Tabela 4, a desocupação atingiu 16,5% da população na força de trabalho. O resultado em questão representou a sexta maior taxa trimestral de desocupação desde o início da pesquisa, em 2012. No contexto brasileiro, a desocupação foi de 12,4% no referido trimestre, o quarto maior valor desde o princípio da série.

Após o repique no início do ano, a taxa de desocupação no estado exibiu queda no segundo trimestre e diminuiu 1,4 ponto percentual em relação ao trimestre imediatamente antecedente, quando havia sido de 17,9%. Trata-se do quarto maior recuo registrado entre trimestres consecutivos. Apesar de reconfortante, não surpreende, já que parece seguir um rito próprio da passagem do primeiro ao segundo trimestre – somente em 2015, a taxa de desocupação do segundo trimestre não foi menor que a do primeiro. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2017, quando o indicador foi estimado em 17,5%, houve decréscimo, com o valor de agora ficando 1,0 ponto percentual abaixo.

A Bahia persistiu com uma taxa de desocupação superior às do Brasil (12,4%) e do Nordeste (14,8%) no segundo trimestre de 2018. A Região Nordeste, por sinal, permaneceu com a mais alta taxa entre as regiões brasileiras, ficando a Região Sul com a menor (8,2%). Entre as unidades da federação, a Bahia teve a quinta mais elevada. Enquanto isso, Amapá (21,3%) foi o estado com a maior taxa de desocupação no período, e Santa Catarina (6,5%), com a menor.

A despeito da queda da taxa de desocupação no intervalo de um ano, a taxa composta da subutilização da força de trabalho na Bahia aumentou, passando de 37,9% para 39,7% do segundo trimestre de 2017 para o trimestre mais recente, respectivamente – uma alta, portanto,

de 1,8 ponto percentual e o terceiro maior percentual da série⁴. Atualmente, 3,304 milhões de pessoas se encontram na condição de subutilizadas. Tanto à época quanto agora, a taxa de subutilização da força de trabalho no estado baiano somente ficou abaixo da encontrada no Piauí. Em relação ao primeiro trimestre deste ano, quando foi de 40,5%, maior valor já registrado, houve queda de 0,8 ponto percentual.

No trimestre analisado, a população ocupada foi estimada em 5,909 milhões, representando queda de 1,5% (-91 mil pessoas) em referência ao montante existente no mesmo período do ano passado e alta de 0,4% (+24 mil) quando confrontada com a do trimestre imediatamente anterior. A população desocupada foi estimada em 1,168 milhão de indivíduos – recuo de 9,2% frente à do primeiro trimestre de 2018 e de 8,1% em relação à do mesmo trimestre de um ano antes. Em relação ao registrado há um ano, a redução de 102 mil pessoas no contingente de desocupados esteve relacionada com a supressão de 91 mil postos de trabalho, conduzindo trabalhadores ao desemprego, ao grupo fora da força de trabalho ou a novas ocupações, e com a redução da força de trabalho em 193 mil indivíduos.

Considerando os grupamentos de atividade econômica, após um ano, o nível de emprego se reduziu nos setores *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* (-7,8%); *Construção* (-7,4%); *Outros serviços*⁵ (-6,6%); e *Transporte, armazenagem e correio* (-0,7%). Em compensação, a ocupação cresceu enormemente no setor *Alojamento e alimentação* (+31,7%); e, relativamente menos, em *Serviços domésticos* (+8,3%); *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* (+8,1%); *Indústria geral* (+6,5%); *Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas* (+3,2%); e *Administração pública, defesa, seguridade, educação, saúde humana e serviços sociais* (+1,7%).

Com base na PNADC, o rendimento médio real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no segundo trimestre de 2018, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.512 – o terceiro maior registro de toda a série. Em relação ao segundo trimestre de 2017, quando o rendimento médio real estava em R\$ 1.480, houve avanço de 2,2%, e num comparativo com o do trimestre anterior, cujo valor estava em R\$ 1.546, ocorreu um recuo de 2,2%. A massa de rendimento médio real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês, pelas pessoas ocupadas, foi estimada em R\$ 8,656 bilhões – redução de 1,5% frente à do trimestre imediatamente anterior, de R\$ 8,785 bilhões, e expansão de 0,8% num comparativo com a do mesmo trimestre do ano passado, cujo valor havia sido de R\$ 8,590 bilhões.

4 A taxa composta da subutilização da força de trabalho retrata a relação entre o grupo formado pelos desocupados, subocupados por insuficiência de horas trabalhadas e força de trabalho potencial e o grupo delimitado pela força de trabalho ampliada (a soma da força de trabalho com a força de trabalho potencial).

5 O grupamento ocupacional *Outros serviços*, baseado na Classificação Nacional de Atividades Econômicas Domiciliar, engloba três seções: Artes, cultura, esporte e recreação; Outras atividades de serviços; e Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.

Tabela 4
Síntese das principais informações da PNAD Contínua – Bahia – 2º tri. 2017/1º tri. 2018/2º tri. 2018

Indicador	Estimativa			Variação	
	2º tri. 2017	1º tri. 2018	2º tri. 2018	2º tri. 2018/ 2º tri. 2017	2º tri. 2018/ 1º tri. 2018
Taxa de desocupação	17,5%	17,9%	16,5%	-1,0 p.p.	-1,4 p.p.
Nível da ocupação	48,9%	47,8%	47,8%	-1,1 p.p.	0,0 p.p.
Taxa de subutilização da força de trabalho	37,9%	40,5%	39,7%	1,8 p.p.	-0,8 p.p.
População ocupada	6.000 mil	5.885 mil	5.909 mil	-1,5%	0,4%
População desocupada	1.271 mil	1.286 mil	1.168 mil	-8,1%	-9,2%
Rendimento médio real habitual	R\$ 1.480	R\$ 1.546	R\$ 1.512	2,2%	-2,2%
Massa de rendimento (em milhões de reais)	R\$ 8.590	R\$ 8.785	R\$ 8.656	0,8%	-1,5%

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) – IBGE.
 Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2018.

MERCADO DE TRABALHO NA RMS SEGUNDO A PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO

A Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Salvador calculou a taxa de desemprego total do segundo trimestre de 2018 em 25,1%. Esse resultado é ligeiramente inferior ao registrado no primeiro trimestre (25,7%), porém é mais elevado que o observado no mesmo trimestre do ano anterior (24,9%) (Gráfico 5). A pesquisa também mostra crescimentos da taxa de participação, do nível de ocupação, da População Economicamente Ativa (PEA) e do rendimento médio real dos ocupados, embora, no caso do rendimento médio não tenha ocorrido aumento em relação ao obtido no mesmo trimestre do ano passado (Tabela 5).

O crescimento da taxa de desemprego em relação ao segundo trimestre de 2017 adveio do fato do aumento da ocupação no período (acréscimo de 72 mil postos de trabalho ou +5,0%) ter sido insuficiente para dar conta do crescimento da PEA (mais 101 mil pessoas ou +5,2%). Com isso, o número de pessoas na condição de desemprego atingiu a 510 mil pessoas, 29 mil a mais que o calculado para um ano antes.

Entretanto a taxa de desemprego total diminuiu em relação ao primeiro trimestre do ano, ao passar de 25,7% para os atuais 25,1%. Isso ocorreu devido ao desempenho da ocupação, com criação de 39 mil postos de trabalho, em quantidade superior ao aumento de 36 mil trabalhadores na PEA. Isso fez com que o número de desempregados fosse reduzido em 3 mil pessoas.

Em relação aos componentes, entre o segundo trimestre de 2017 e o de 2018, a taxa de desemprego aberto aumentou de 17,3% para 17,7%, enquanto que o desemprego oculto diminuiu de 7,6% para 7,3%. Contrariamente ao comportamento anual, a evolução da taxa entre o primeiro e o segundo trimestres combinou redução do desemprego aberto (de 18,7% no primeiro trimestre) e aumento do desemprego oculto (de 7,0% no trimestre antecedente).

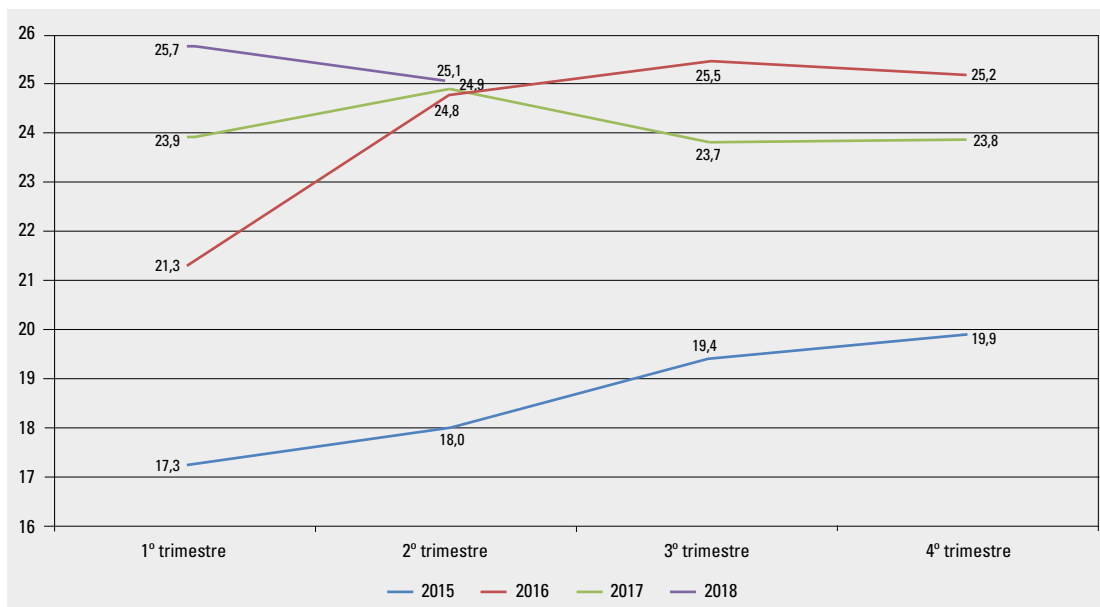


Gráfico 5
Taxa trimestral de desemprego total – RMS – 2015-2018

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTb/FAT.

O nível de ocupação da RMS cresceu 5,0% entre o segundo trimestre de 2017 e o de 2018, com a criação de 72 mil postos de trabalho. O aumento do número de trabalhadores foi elevado no *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas*, com a abertura de 41 mil posições de trabalho (+15,3%) e mais modesto nos *Serviços*, com o surgimento de 29 mil postos de trabalho (+3,1%) e na *Construção*, com mais 4 mil (+3,6%). O contingente de trabalhadores não se alterou na *Indústria de transformação*.

Em relação ao primeiro trimestre, ocorreu o surgimento de 39 mil posições de trabalho (+2,6%). Entre os setores de atividade, houve crescimento do nível de ocupação nos *Serviços* (mais 52 mil postos ou +5,6%), no *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* (acréscimo de 8 mil ou +2,7%) e na *Construção* (mais 1 mil ou +0,9%). A *Indústria de transformação* persiste em uma trajetória oscilante, com desaparecimento de 15 mil ocupações ou menos 13,2% das posições existentes no trimestre anterior⁶.

Quanto ao vínculo ou relação de trabalho, o crescimento da ocupação entre o segundo trimestre de 2017 e o de 2018 esteve relacionado com o aumento do trabalho *Assalariado* (mais 32 mil postos ou +3,4%) e do trabalho *Autônomo* (mais 15 mil postos ou +4,9%) com a redução do *Emprego doméstico* (menos 10 mil ocupações ou -8,5%). Entre os *Assalariados*, o crescimento do emprego no setor público foi bem mais intenso (acréscimo de 22 mil postos ou +17,1%) que o do setor privado (10 mil novos postos ou +1,2%). No setor privado, houve redução do emprego protegido pela carteira de trabalho assinada (menos 16 mil postos ou -2,2%) e aumento do trabalho assalariado sem carteira assinada (mais 26 mil ou +28,6%). Essa evolução replica o quadro de deterioração das relações de trabalho, apesar do crescimento do nível de ocupação no período.

⁶ Não estão sendo apresentados os denominados “outros setores” e “setores não especificados”.

A análise em relação ao trimestre imediatamente anterior mostra crescimento do número de *Assalariados* (mais 55 mil empregos ou +5,9%) e reduções das ocupações *Autônomas* (menos 24 mil postos ou -7,0%) e do *Emprego doméstico* (menos 6 mil ou -5,3%). Entre os assalariados, foram criados 13 mil postos de trabalho no setor privado (+1,6%) e 40 mil no setor público (+36,0%). No setor privado, houve perdas nas posições sem carteira assinada que diminuíram em 2 mil (-1,7%), e aumento de postos com carteira assinada em 15 mil (+2,1%).

O rendimento médio real dos ocupados da RMS em maio de 2018⁷ foi calculado em R\$ 1.447, inferior, portanto, ao dos assalariados (R\$ 1.515), porém mais elevado que o dos autônomos (R\$ 1.006). Em comum, o fato de todos eles serem menores que os rendimentos obtidos no segundo trimestre de 2017. No caso dos autônomos, a perda real foi de 10,7% e no dos assalariados, de 8,1%. A perda do conjunto dos trabalhadores alçou a 7,4%.

Nesse período, a massa de rendimentos do trabalho diminuiu 4,6%, em razão da redução da remuneração, já que o contingente de ocupados cresceu (+3,8%). De forma semelhante, a massa de rendimentos dos assalariados reduziu 8,1%, também em função da diminuição dos rendimentos médios, já que houve crescimento do emprego dos assalariados em 1,3%.

Entre o último mês de maio e o primeiro trimestre de 2018, o rendimento médio real aumentou tanto para ocupados (+6,3%) quanto para os assalariados (+2,7%) e autônomos (+4,0%). Houve crescimento da massa de rendimentos dos ocupados (+7,9%) e na dos assalariados (+6,7%). No entanto, apenas na primeira situação, o aumento do rendimento médio foi maior que o do nível de ocupação.

⁷ No momento de conclusão desse texto, os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego relativos aos rendimentos do trabalho no segundo trimestre de 2018 ainda não estavam disponíveis. A análise reporta, portanto, aos valores recebidos em maio de 2018.

Tabela 5

Síntese das principais informações da PED para RMS – 2º tri. 2017/1º tri. 2018/2º tri. 2018

Indicador	Estimativa			Variação	
	2º tri. 2017	1º tri. 2018	2º tri. 2018	2º tri. 2018/ 2º tri. 2017	2º tri. 2018/ 1º tri. 2018
Taxa de desemprego total	24,9%	25,7%	25,1%	0,2 p.p.	-0,6 p.p.
Taxa de desemprego aberto	17,3%	18,7%	17,7%	0,4 p.p.	-1,0 p.p.
Taxa de desemprego oculto	7,6%	7,0%	7,3%	-0,3 p.p.	0,3 p.p.
Taxa de participação	57,5%	58,6%	59,4%	1,9 p.p.	0,8 p.p.
População em idade ativa	3.360 mil	3.408 mil	3.423 mil	1,9%	0,4%
População economicamente ativa	1.932 mil	1.997 mil	2.033 mil	5,2%	1,8%
População desempregada	481 mil	513 mil	510 mil	6,0%	-0,6%
População ocupada	1.451	1.484	1.523	5,0%	2,6%
<i>Setor de atividade (1)</i>					
Indústria de transformação	99 mil	114 mil	99 mil	0,0%	-13,2%
Construção	110 mil	113 mil	114 mil	3,6%	0,9%
Comércio (2)	268 mil	301 mil	309 mil	15,3%	2,7%
Serviços	946 mil	923 mil	975 mil	3,1%	5,6%
<i>Posição na ocupação</i>					
Assalariados	952 mil	929 mil	984 mil	3,4%	5,9%
Setor privado	821 mil	818 mil	831 mil	1,2%	1,6%
Com carteira	730 mil	699 mil	714 mil	-2,2%	2,1%
Sem carteira	91 mil	119 mil	117 mil	28,6%	-1,7%
Setor público	129 mil	111 mil	151 mil	17,1%	36,0%
Autônomos	305 mil	344 mil	320 mil	4,9%	-7,0%
Empregados domésticos	118 mil	114 mil	108 mil	-8,5%	-5,3%
Inativos com mais de 10 anos	1.428 mil	1.411 mil	1.390 mil	-2,7%	-1,5%
Rendimento médio real dos ocupados (3)	R\$ 1.563	R\$ 1.361	R\$ 1.447	-7,4%	6,3%
Salário médio real dos assalariados (3)	R\$ 1.650	R\$ 1.476	R\$ 1.515	-8,1%	2,7%

Fonte: PED-RMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTb/FAT.

Notas: 1 Não estão incluídos “outros setores” e “setores não identificados”.

2 Na íntegra, a nomenclatura do referido setor de atividade é Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas.

3 Os dados de rendimento, investigados em cada mês, referem-se ao mês imediatamente anterior e, portanto, têm sempre esta defasagem em relação às demais informações da pesquisa. Dessa forma, por tal limitação, o valor do segundo trimestre de 2018 se reporta aos valores recebidos em maio de 2018. Inflator utilizado: IPC-SEI; valores em reais de maio de 2018.

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO

Expectativa dos empresários baianos para o emprego

A Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano sonda as expectativas empresariais de diversos setores sobre os mais variados temas, dentre os quais a inclinação à contratação futura de trabalhadores. Construído a partir das respostas dos empresários em relação aos planos de abrir, manter ou encerrar vagas, o Indicador de Expectativas para Emprego (IEE) tem sido

negativo desde dezembro de 2013. O IEE, além do mais, demonstrou recuo comparativamente aos trimestres anteriores (abril: -74 pontos; maio: -54 pontos; e junho: -149 pontos), assumindo o maior nível de pessimismo quanto ao emprego desde o registrado em agosto passado (-223 pontos) – evidenciando a ampliação da desconfiança quanto a retomada das contratações no curto prazo.

A alta do pessimismo quanto ao emprego em relação ao término do trimestre antecedente, no entanto, não se deu de forma generalizada (Gráfico 6). Entre as atividades, o setor de Comércio indicou recuo. A Agropecuária, a Indústria e os Serviços, por outro lado, apontaram um panorama relativamente mais degradado das expectativas ao fim do trimestre mais recente. Nesse contexto, o setor de Comércio terminou com o melhor dos indicadores e o de Serviços revelou as piores percepções em relação às contratações futuras.

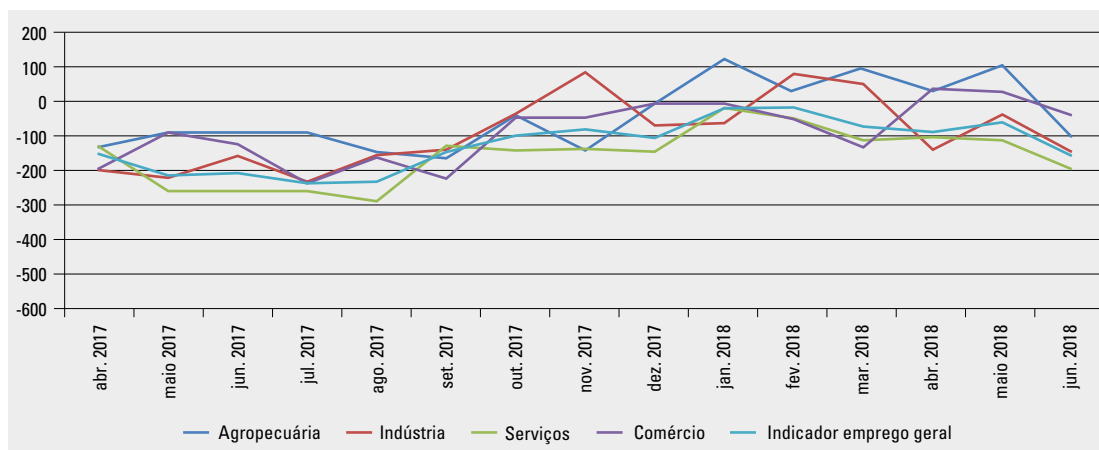


Gráfico 6
Evolução do Indicador de Expectativas para Emprego por setor de atividade – Bahia – Abr. 2017-jun. 2018

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2018.

Analisando-se o nível esperado de futuras contratações, 60,8% dos empresários planejam manter a quantidade atual de trabalhadores; 24,4% dos entrevistados afirmaram que pretendem promover o desligamento de empregados; e 14,7% cogitaram a possibilidade de contratar. Pontualmente, houve uma alteração de suma importância: a proporção de empresas com intenção de ampliar o quadro de pessoal voltou a ser superada, após inversão ocorrida no trimestre antecedente, pela proporção das que preveem enxugamento.

Mesmo sem suprimir a esperança de recuperação, os sinais indicam um processo arrastado. Conforme o Gráfico 7, o intento do setor produtivo baiano de reduzir o quadro de funcionários voltou a aumentar, após quatro recuos seguidos e o menor estágio dos últimos anos. O fito de admitir, por sua vez, retrocedeu, depois de dois avanços em sequência. De resto, a perspectiva empresarial em manter o quadro de empregados continua bastante elevado, apesar da queda após quatro altas sucessivas. Enfim, diante de tal delineamento, a percepção é de que o mercado de trabalho local tende a seguir o curso da reabilitação, mas sem tanta vitalidade.

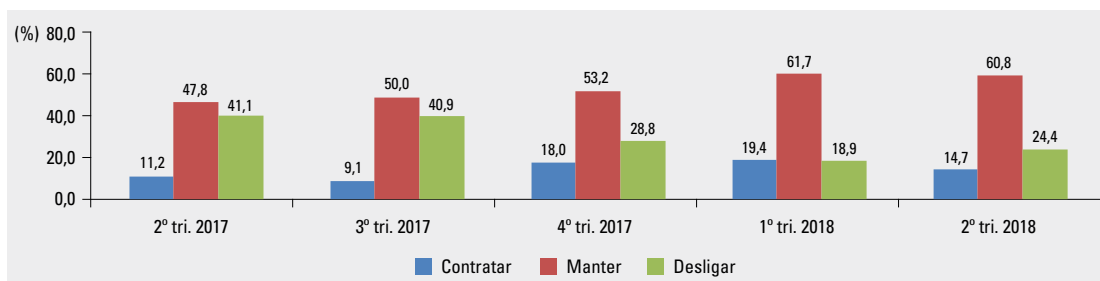


Gráfico 7

Percentual de respostas quanto ao quesito emprego por trimestre – Bahia – 2º tri. 2017-2º tri. 2018

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2018.

Projeção do emprego formal

De acordo com a projeção realizada pela SEI, o mercado de trabalho baiano seguirá abrindo vagas no terceiro trimestre de 2018, com geração prevista de 6.408 postos. No caso de tal expectativa se confirmar, o saldo de empregos com carteira assinada no intervalo em questão, numa comparação entre terceiros trimestres desde 2006, somente não estaria aquém daqueles registrados em 2015 e 2016, quando houve perda líquida de 17.989 e 8.630 vínculos de trabalho celetistas respectivamente. Dessa maneira, apesar de positivo, tal resultado deixa sem alibi a tese de que um processo sólido de recuperação se encontra em curso no estado.

A geração líquida de empregos com carteira assinada esperada para o terceiro trimestre de 2018 deverá ser influenciada, principalmente, pelo comportamento dos setores de Serviços (+4.364 postos de trabalho), Construção Civil (1.776 postos) e Indústria de Transformação (+1.156 oportunidades). Por outro lado, a expectativa de saldo negativo recai sobre os setores de Comércio (-1.361 vagas) e Agropecuária (-146 empregos celetistas). As demais projeções podem ser visualizadas na tabela abaixo.

Tabela 6
Projeção do saldo de empregos formais por setor de atividade econômica – Bahia – 3º tri. 2018

Setor de atividade econômica	Saldo projetado
Extrativa Mineral	251
Indústria de Transformação	1.156
Serviços Industriais de Utilidade Pública	300
Construção Civil	1.776
Comércio	-1.361
Serviços	4.364
Administração Pública	68
Agropecuária, Ext. Vegetal, Caça e Pesca	-146
Total	6.408

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2018.

Nota: O saldo projetado pela SEI conta com dados atualizados até junho de 2018.

A projeção feita pela SEI para os próximos três meses acena para uma geração líquida de 6.408 vínculos formais. Mesmo abaixo dos saldos obtidos no período pré-crise, representa um alento perante o quadro recente. No entanto, os últimos dados de fluxos do Caged, ao confirmarem um saldo menor que o esperado, reforçam o juízo de que a retomada do emprego na Bahia segue um itinerário pouco consistente. O aumento último do pessimismo, mesmo com o nível de confiança do empresariado local ainda em patamar melhor que o de outros tempos, também se constitui numa constatação desfavorável. Por outro lado, as informações atuais provenientes da PNADC e da PEDRMS alimentam o entendimento de que as bases para a reabilitação vêm sendo formadas, mesmo que vagarosamente. Enfim, os vestígios de melhor desempenho do mercado de trabalho baiano ainda se mostraram parcos, deixando mais evidente que o processo se encontra embrionário e que restam muitos obstáculos a serem superados.

NOTAS METODOLÓGICAS

PESQUISA DE CONFIANÇA DO EMPRESARIADO BAIANO

A fim de monitorar o nível de confiança do setor produtivo do estado mensalmente, a Pesquisa de Confiança do Empresário Baiano efetua a produção contínua e sistemática de indicadores. O principal deles é o ICEB, Indicador de Confiança do Empresariado Baiano.

Realizada diretamente com federações, associações e sindicatos patronais representativos dos segmentos empresariais do Estado, a técnica de coleta utiliza um questionário com doze perguntas de cunho qualitativo e que versam sobre temas relacionados ao contexto macroeconômico (Inflação, Juros, PIB Nacional e PIB Estadual) e ao desempenho das empresas (Vendas, Crédito, Câmbio, Capacidade Produtiva, Situação Financeira, Emprego, Exportação e Abertura de Unidades).

Fruto de uma amostragem não-probabilística intencional, a Pesquisa conta, atualmente, com mais de cem entidades representativas dos setores produtivos do estado. A cobertura setorial da Pesquisa abrange quatro setores: Agropecuária; Indústria; Serviços; e Comércio.

Para chegar ao indicador geral é necessário, primeiramente, mensurar as respostas qualitativas do questionário. Atribui-se valor 1.000 para a resposta mais otimista; 500 para a resposta confiante; zero para a intermediária; -500 para aquela não confiante; e -1.000 para a mais pessimista. Desta maneira, é possível calcular indicadores por questão, tema e setor, sendo o ICEB fruto de uma média dos indicadores de confiança setoriais ponderados pelo valor adicionado de cada atividade no PIB.

O valor do ICEB e dos demais indicadores podem variar de -1.000 a 1.000. Dentro desse intervalo, quanto mais próximo de -1.000, maior o pessimismo associado. Em sentido contrário, mais perto de 1.000, maior o otimismo. O zero pode ser interpretado como ponto de indiferença.

Para efeitos ilustrativos, a Pesquisa trabalha com uma escala de grau de otimismo dividida em intervalos, a qual possibilita classificar o resultado conforme seu enquadramento: Grande Pessimismo, de -1.000 a -500; Pessimismo, de -500 a -250; Pessimismo Moderado, de -250 a zero; Otimismo Moderado, de zero a 250; Otimismo, de 250 a 500; e Grande Otimismo, de 500 a 1.000. Os valores de fronteira pertencem à zona imediatamente anterior, com o zero como ponto de orientação.

Escala do ICEB



PROJEÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL

As projeções do mercado de trabalho formal são construídas com base na metodologia de séries temporais. As estimativas são feitas para o número de admitidos e de desligados de cada um dos oito setores de atividade econômica. O saldo previsto para cada segmento será a diferença entre as admissões e os desligamentos projetados. O saldo geral, enfim, será o somatório dos saldos supostos para cada atividade.

O tratamento dado a determinado setor no processo de previsão depende de o mesmo ser considerado de menor ou maior impacto na dinâmica do mercado de trabalho local. O grupo de menor influência incorpora as atividades de Extrativa Mineral, Serviços Industriais de Utilidade Pública e Administração Pública. O de maior peso engloba Indústria de Transformação, Construção Civil, Comércio, Serviços e Agropecuária.

As séries do número de admissões e de desligamentos do setor, obtidas pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), são incluídas no procedimento de projeção independentemente do peso do segmento. O uso de variáveis explicativas, no entanto, somente ocorre para aquelas atividades apontadas como de maior impacto.

Para conceber tais previsões são utilizados o algoritmo de alisamento exponencial de Holt-Winters e a metodologia de Box-Jenkins com os modelos sazonais auto regressivos integrados de médias móveis (SARIMA) e sua extensão (SARIMAX). A adoção do modelo SARIMAX é para permitir a inclusão de variáveis explicativas.

